

A PERSONAGEM DE FICÇÃO

Maria Laura Pozzobon Spengler¹

O título apresenta quatro capítulos, nos quais os autores ampliam discussões sobre a personagem nas obras ficcionais.

O primeiro capítulo, escrito por Anatol Rosenfeld, traz como temática *Literatura e personagem*, colocando como ponto primordial a designação de que a literatura ficcional se diferencia de outras literaturas porque tem um caráter mimético ou fictício a partir da realidade empírica. O autor elabora uma classificação da obra literária a partir de três problemas principais. O problema ontológico: a obra literária surge a partir de contextos objecturais que torna seres e mundo intencionais em realidade, através da imaginação concretizadora do leitor; o problema lógico, cuja diferenciação entre obra literária e não literária está no fato de que a obra literária não busca objetividade, sua realidade não é empírica, mas sim realidade possível, de mundo imaginário cercado de personagens fictícios e o leitor é o parceiro lúdico do jogo imaginativo; para o problema epistemológico, é a personagem a principal responsável pela ficcionalidade da obra literária, e através da personagem, a camada imaginária se cristaliza, é a personagem que dá aparência real à situação imaginária, colocando o leitor dentro do mundo imaginário.

O autor constrói um paralelo entre pessoas reais e fictícias, mostrando que a visão que temos de ser humano é sempre fragmentada e limitada, trazendo às personagens uma projeção de visão de mundo ainda mais fragmentada e, então, o ser humano como personagem, é um ser configurado esquematicamente, física e psiquicamente. A personagem tem maior coerência

1 Pedagoga, pesquisadora de Literatura para crianças e jovens. Doutoranda do programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

que o ser real, maior exemplaridade e assim maior significação. Na ficção, os seres humanos se tornam mais transparentes e consistentes, pois são intencionais e autônomos.

Para o autor, é a estética que determina o reconhecimento da obra e sua valorização de importância primordial à obra literária. O valor estético surge com a possibilidade de transpor aos fatos narrados uma aparência sensível, de maneira emocional através de um contexto lúdico. Quando se acentua o valor estético da obra, o mundo imaginário se enriquece e se aprofunda. Isso acontece quando o autor consegue projetar um mundo imaginário à escrita. E a personagem, figura fundamental na composição da obra ficcional, representa seres humanos definidos em amplas medidas transparentes, que vivem situações exemplares de um modo exemplar, encontram-se integradas em um grande tecido de valores e tomam determinadas atitudes em face desses valores. Ao leitor, cabe o papel de poder viver e contemplar essas situações de maneira estética, ao suspender os pesos reais dos valores através das variadas personagens.

O segundo capítulo, escrito por Antônio Cândido, trata de forma específica sobre a *Personagem do romance*. O romance se constitui de três elementos: enredo, personagens e ideias; mas é a personagem que possibilita a adesão afetiva e intelectual do leitor, é o elemento mais vivo no romance. Para o autor, a personagem é a concretização de um ser fictício. O modo de se conceber uma personagem é tão somente a crença na concepção de homem, com uma diferença, na vida a condição fragmentária do homem é inerente, situação na qual nos submetemos; no romance ela é criada pelo autor, que busca lógica a fim de trazer ao leitor uma sensação de completude, de coesão. A personagem é mais lógica, mas não mais simples que o ser humano. A personagem complexa é característica do romance moderno.

O autor traz conceitos de personagens: personagens planas, cujas características são construídas em torno de uma única ideia; personagens esféricas, características baseadas em três dimensões complexas, dando a impressão de que é viva.

O autor do romance é responsável pela manipulação da realidade, fazendo nascer personagens de figuras vivas, através da reprodução de elementos circunstanciais, em um mundo ficcional que tem suas próprias leis. O romance se baseia em uma relação de afinidade entre ser real e ser fictício, que se manifesta através da personagem, que surge através da dependência da função que exerce no romance, e funciona a partir do critério estético de organização interno da obra, articulando-se em um nexos expressivo. A personagem é criada a partir de traços que se englobam, configurando um todo, a organização faz com que o ser fictício seja mais coeso que o próprio ser vivo.

O terceiro capítulo, que leva o título *A personagem no teatro*, escrito por Décio de Almeida Prado, traz considerações sobre as diferenças entre personagens de romance e de teatro. Para o autor, elas se distinguem umas das outras pela forma de mediação: no romance, a personagem ganha vida através da voz narrativa; no teatro, a personagem surge através do ator, que fala diretamente ao e para o público. No teatro, a personagem constitui a totalidade da obra. Teatro e romance falam do homem, mas o teatro o faz pela presença carnal do ator.

Diferente do romance, no teatro, o autor deve tornar consciente as características da personagem, bem como comunicar as características através de diálogos, pois o espectador não tem acesso direto à consciência do personagem, como acontece ao leitor de romance. No teatro, o personagem se caracteriza pela ação e pelo tempo, e através do ator, é exibido ao público. E no palco, a personagem está só, afastada do fio narrativo que a deveria prender ao autor.

O último capítulo, do autor Paulo Emílio Sales Gomes, traz como título *A personagem cinematográfica* e desdobra a discussão sobre o personagem de ficção no cinema, que assim como o teatro, tem sua ação encarnada em atores. Personagens que têm mobilidade, desenvoltura no tempo e no espaço, assim como no romance.

Para o autor, cinema é uma simbiose entre teatro e romance, e faz uso das teorias já abordadas por Antônio Cândido, para definir a personagem de cinema. O filme é espaço para a literatura falada. A personagem do romance é

feita exclusivamente de palavras e, no cinema, a personagem é cristalizada pela imagem, reduzindo a liberdade imaginativa do espectador. Mantendo uma certa distância do teatro, a personagem de cinema não é permanente, o ator que a interpreta, sim. Quando evocamos personagens de cinema, nos vêm à mente os atores que interpretaram a personagem no cinema.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

CANDIDO, Antonio., GOMES, Paulo Emílio Salles., PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009.